

## (RE)NASCER DE MIM

de

Ana Pão Trigo

Antes de iniciar a apresentação deste novo livro da Ana Pão Trigo, faço questão de expressar os meus cumprimentos a todos os presentes.

Cumprida a indispensável formalidade de cortesia, cumpre-me agradecer, à Ana, o facto de ter depositado em mim a confiança que requer uma apresentação à altura do mérito da obra que agora dá à estampa.

Assim que recebi o .pdf do miolo, não resisti a ler, de imediato, o respetivo prefácio (pp. 7 e 8), prefácio a cuja autora, Ana Ramos, solicito a bondade da sua indulgência pelo meu atrevimento em o transcrever:

### ***SOBRE a Poetisa de Pé Descalço***

***Sobre*** poesia-viagem. ***Sobre*** poesia-vivência.

***Sobre*** o cliché menina-mulher lhe assentar tão bem. ***Sobre*** coruja, galinha, leoa: tudo depois de Mãe. ***Sobre*** sê-lo por causa dele. ***Sobre*** aprender a sê-lo com ele.

***Sobre*** não precisar de ninguém, mas nunca ser sozinha.

***Sobre*** lealdade. ***Sobre*** raízes. ***Sobre*** pertença.

***Sobre*** batom vermelho e vestido rodado, mesmo com o coração de luto. ***Sobre*** xaile aos ombros. ***Sobre*** tanto cantar o fado como hinos da claque portista.

***Sobre*** valores, ***sobre*** causas. ***Sobre*** missão.

***Sobre*** a medida do tempo.

***Sobre*** não adiar. ***Sobre*** saber que tem direito a nada menos do que tudo.

***Sobre*** cansaço e ***sobre*** coragem.

***Sobre*** rendição e renascimento.

***Sobre*** todas as cores da força.

**Sobre** sonho e **sobre** Amor.

**Sobre** tomar as rédeas da vida, sem perder a sensação do vento a despentear o cabelo.

**Sobre** dar cada passo a ouvir os segredos de Frankl. **Sobre** não poder escolher o que acontece. **Sobre** poder escolher o que fazer face ao que acontece. **Sobre** a última liberdade ser dela - a de decidir.

**Sobre** o desconforto do morno.

**Sobre** serenidade conquistada apesar dos extremos.

**Sobre** o caminho da resistência à resiliência.

**Sobre** mão no peito. **Sobre** mão na anca. **Sobre** mão na massa.

**Sobre** pé descalço. **Sobre** sentir tudo.

**Sobre** admirá-la tanto.

No mesmo instante, enviei um e-mail à Ana:

*“Acabei de ler o prefácio da Ana Ramos. Simplesmente fabuloso. Todos os pensamentos traduzidos por palavras criteriosamente selecionadas. Tenho a certeza de que o belíssimo texto que construiu só aconteceu, porque a Poetisa de Pé Descalço e este seu trabalho são absolutamente credores do mesmo.*

*Acaba de aumentar a responsabilidade do trabalho que me espera. Espero poder estar à altura de tal responsabilidade.*

*Transmite-lhe os meus sinceros parabéns.”*

Esta minha reação foi imediata, instintiva e, agora que conheço o conteúdo do livro, devo admitir que foi também intuitiva: é que tais palavras criteriosamente selecionadas resumem – podemos afirmá-lo sem receio de correr qualquer risco – toda a temática da obra.

Mas, para melhor compreensão da mesma – e não sendo minha intenção enveredar por abordagens do foro epistemológico ou de estética literária, ainda mais tratando-se do modo lírico, que é o que melhor faz jus e melhor evidencia

o conceito de liberdade na arte da escrita -, penso ser importante recuarmos ao tempo de **Poetisa de Pé Descalço - De versos nus, sem regras -**, em cujo lançamento, por me encontrar ausente do Porto, não pude estar presente, com muita pena minha.

Após a leitura do livro, e por razão da cordialidade pela qual sempre nos pautámos, entendi ser meu dever dar a conhecer à Ana o que pensava do mesmo e, num e-mail, entre outros reparos, coloquei-lhe a seguinte questão:

“O que pensa a psicóloga Ana Pão Trigo da escritora Ana Pão Trigo, autora de **Poetisa de Pé Descalço**? Será que a psicóloga possui o distanciamento suficiente para poder fazer uma avaliação?”

A Ana respondeu deste modo:

*“Em primeiro lugar, muito obrigado pela leitura e crítica que li com a máxima consideração.*

*Quanto à questão que me colocou : a Poetisa de Pé Descalço é uma pessoa muito emotiva, ansiosa e impulsiva! Vive a sonhar acordada... E isso dói muito. Está diagnosticada com Perturbação de hiperatividade com défice de atenção de alto funcionamento (QI acima da média, por isso nunca se notou no rendimento académico).*

*Acho que sou apenas eu, com os meus "chiliques" e sonhos... Uma pessoa que vive tudo "com uma intensidade que incomoda", tal como escrevi num dos meus poemas. Se tem algo de patológico? Tem... Mas o que é ser normal? A norma somos nós, sociedade, que definimos! A minha normalidade é esta..."*

E explicitou a sua normalidade poética:

*“Construir poemas com palavras que sinto... Já deixei de me preocupar com figuras de estilo, mas gosto, cada vez mais, de escolher estrategicamente as palavras certas, aquelas que imprimem sentimentos não em mim, mas no outro! Mas isso ficará para o próximo!”*

E no seguinte, em **(Re)nascer de Mim**, a poetisa esclarece:

*“Quando a alma é um reboiço de emoções e a inquietude uma rotina, respiramos em verso.”*

Mas ainda a propósito de **Poetisa de Pé Descalço**, e em resposta a outras considerações que entendi pertinentes, quis deixar claro o seguinte:

*“Este livro, o primeiro só meu, é uma espécie de autobiografia em verso. Não era objetivo que a qualidade dos poemas fosse a mesma do início ao fim... Alguns escrevi com apenas 11 anos! O meu estilo de escrita já evoluiu muito, como se pode verificar mais para o final. Tenho mesmo uma predileção pelo verso... Já não tanta pela rima, que começa a cair em grande parte dos poemas que escrevo, atualmente. Talvez a liberdade com que escrevo as palavras para construir poemas funcionasse melhor de outra forma. Vou-lhe confessar... Já cheguei à prosa poética, mas é tão escandalosa que guardo só para mim... de momento!”*

Aqui chegados - e na esperança de que a Ana me perdoe toda esta minha inconfidência -, sou levado a equacionar a possibilidade de dois propósitos, ambos legítimos, no distinto convite que me dirigiu: por um lado, dar prova da estima que mantém intacta em relação à pessoa do seu ex-professor, o que muito me honra e pelo que fico eternamente grato; por outro, proporcionar-me, quase em primeira mão, a possibilidade de constatar a evolução do primeiro para o segundo livro, evidenciando, de um modo muito claro, o que havia dito na resposta ao meu e-mail: *“Mas isso ficará para o próximo!”*

Fazendo-me evocar o existencialismo de Jean-Paul Sartre, diz-nos agora - e considero-me em consonância - que *“Somos produto das nossas escolhas, não da nossa sorte”*, o que demonstra bem que o caminho que trilha não é a consequência de um qualquer e incógnito arbítrio, mas uma opção consciente que resulta da sua própria vontade.

*“Já deixei de me preocupar com figuras de estilo”*, disse também ela no e-mail que me enviou.

Acredito que tenha deixado de se preocupar com figuras de estilo, mas a evidência, em **(Re)nascer de Mim**, é que continua a utilizá-las e, pelo que nos é dado a observar, fá-lo com o necessário e indispensável propósito, retirando

da sua utilização um efeito sublime, uma vez que confere a adequada e desejada expressividade ao conteúdo que pretende transmitir.

Estão dispersos, ao longo de toda a obra, recursos como a adjetivação (simples, dupla ou múltipla), a anadiplose, a anáfora, a antítese, a enumeração, a imagem, a metáfora, o paradoxo, a prosopopeia, o quiasmo, a reiteração, o trocadilho. E porque, na circunstância, estamos diante de um succulento alimento para a alma, podemos concluir que, como no caso de qualquer saboroso condimento, são utilizados em quantidade q.b.

E também porque palavra puxa palavra e acabámos por aflorar termos da culinária, não deixemos de considerar o conselho de quem parece ser chefe na cozinha:

*“Não queiras quem te abra frascos na cozinha!  
Um dia, vais perceber que não querias e nunca quiseste.  
Vais perceber que apenas queres quem te prenda nos  
braços e te faça sentir forte, capaz de abrir frascos!  
Quanto aos frascos... Uma palmada na tampa resolve.”*

Mas o propósito duma apresentação não é revelar o conteúdo duma obra. Se o fizesse, ninguém sentiria a necessidade de a ler, porque estaria desnudada e o cendal não havia cumprido o seu dever, que é o de estimular a imaginação através do que sugere com os condimentos da sua suposta transparência.

Lembro - e não é a primeira vez que o faço - que publicar-se é sempre um risco de se ficar exposto. Exposto à avaliação de todo o potencial leitor, mais ainda tratando-se de uma escrita tão intimista e apresentada em tom confessional, como, aliás, reconhece a poetisa: *“Não há trapo que tape uma alma despida.”*

Em consciência, e sem abdicar do rigor que gosto de impor a mim próprio, a Ana Pão Trigo está aprovada e de parabéns, como o comprova o seu percurso, e porque, de certeza, em resposta ao que acabo de apresentar, nos vai garantir que o próximo será ainda melhor, ainda que tenha de enveredar por caminho

deveras tortuoso, mas que teimará em percorrer rumo à tão desejada perfeição. Como ela própria nos adverte em **(Re)nascer de Mim**: *“Uma obra de arte nunca está acabada. Já refiz poemas com anos de distância. Já pintei e voltei a pintar telas com anos de distância. O mesmo se passa com o nosso amor-próprio. Por vezes, é preciso voltar a pintar, reescrever, refazer...”*

*“Olhar para trás?! Só para aprender e fazer melhor.”*

E assim teremos a *Poetisa de Pé Descalço* renascida e reinventada de si.

É chegado o momento de terminar, mas não sem antes deixar presente um desabafo de quem só tolera o silêncio dos abraços, desabafo num momento de inquietação, desabafo de quem tem alma e que, por isso, se inquieta..., se inquieta sempre: *“Quando tiveres que pedir um abraço ou quando o único abraço gratuito que tens é o teu, sabes que está na hora de te abraçares ainda com mais força!”*

Olhando para a presente plateia, plateia de amigos, ainda não é chegada tal hora – como não era a hora da partida do tio Manel, a quem homenageias com o emotivo poema com que inicias este teu (Re)nascimento. – Ainda não é chegada tal hora, porque, desejando que nunca se esmoreça esta tua força, apesar de toda a tua inquietação, todos nós te envolvemos no mais profundo, solidário e sentido abraço. E não em silêncio, mas numa justa e merecida salva de palmas.

A Poesia é o fascínio da palavra. E o fascínio da palavra da Ana é a sua autenticidade, a sua genuinidade.

Está, pois, de parabéns a editora Tecto de Nuvens, que passa a ter, com a sua chancela, um livro de inegável qualidade.

Profundamente grato pela vossa muito generosa atenção.

Auditório da Junta de Freguesia de Rio Tinto, 20 de novembro de 2022